



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES E MÚSICA

**RAYANA KELLY LIMA DA SILVA**

**ALÉM DAS MÃOS: TEATRO DE BONECOS NO DESENVOLVIMENTO  
EDUCACIONAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA APAE DE  
TOCANTINÓPOLIS**

Tocantinópolis - TO  
2024

**RAYANA KELLY LIMA DA SILVA**

ALÉM DAS MÃOS: TEATRO DE BONECOS NO DESENVOLVIMENTO  
EDUCACIONAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA APAE DE  
TOCANTINÓPOLIS

Relatório de Ação de Extensão  
apresentado como trabalho de conclusão  
de curso ao Curso de Licenciatura em  
Educação do Campo: Artes (Artes  
Visuais, Artes Cênicas e Música) da  
Universidade Federal do Norte do  
Tocantins como requisito parcial para  
integralização do curso. Orientadora:  
Profª. Ms. Luana Mara Pereira.

Tocantinópolis-TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- L732a Lima Da Silva, Rayana Kelly.  
ALÉM DAS MÃOS:: TEATRO DE BONECOS NO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA APAE DE TOCANTINÓPOLIS. / Rayana Kelly Lima Da Silva. – Tocantinópolis, TO, 2024.  
36 f.  
Relatório de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2024.  
Orientadora : Luana Mara Pereira  
1. Pessoa com Deficiência (PCD). 2. APAE. 3. Teatro de Animação. 4. Boneco de Meia. I. Título
- CDD 370.91734**
- 

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Orientador (a): Luana Mara Pereira Orcid:0000-0002-0017-5463  
Orientando (a) Rayana Kelly Lima da Silva Orcid: 0009-0005-4050-630X


**RAYANA KELLY LIMA DA SILVA**

Além das mãos: teatro de bonecos no desenvolvimento educacional de pessoas com deficiência na APAE de Tocantinópolis/TO

Relatório de Ação de Extensão apresentado como trabalho de conclusão de curso ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) da Universidade Federal do Norte do Tocantins como requisito parcial para integralização do curso. Orientadora: Profª. Ms. Luana Mara Pereira.


Data de aprovação: 18 / 10 / 2024

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 **LUANA MARA PEREIRA**  
Data: 06/03/2025 17:45:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profª Ms. Luana Mara Pereira, UFNT. (Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 **LEON DE PAULA**  
Data: 06/03/2025 19:25:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profº Dr. Leon de Paula, UFNT. (Banca examinadora)

Documento assinado digitalmente  
 **ROSA ADELINA SAMPAIO OLIVEIRA**  
Data: 06/03/2025 20:31:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profª Dra. Rosa Adelina Sampaio Oliveira, UFBA. (Banca examinadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que me apoiaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Profa. Ms. Luana Mara Pereira, por sua orientação, paciência e dedicação. Suas valiosas sugestões e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento deste projeto. Gostaria de agradecer ao Laboratório de Teatro da UFNT, que me cedeu as meias para a realização do meu projeto. Não posso deixar de agradecer à minha família, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e apoiando em todos os momentos.

Por fim, agradeço a todos/as que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito obrigado a todos!

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) consiste no relatório de uma ação de extensão desenvolvida através de oficinas de teatro de bonecos de meias na APAE de Tocantinópolis/TO. Com o intuito de realizar tais oficinas com ênfase na integração entre a arte e a diversidade, a ação promoveu diálogo com alunos/as e educadores/as, permitindo observar a participação dos/as envolvidos/as e destacar a importância da ação no processo educativo, especialmente na criação dos bonecos e sua manipulação. Além disso, a atividade estimulou a interação social e a cooperação com os/as alunos/as. A partir das minhas observações, pude contribuir de forma ativa e, ao mesmo tempo, aprender com a oficina. Essa, conforme as declarações pronunciadas ao final das oficinas, foi uma experiência rica, especialmente para mim, que tive a oportunidade de atuar como mediadora desse processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pessoa com Deficiência (PCD), APAE, Teatro de Animação e Boneco de Meia.

## ABSTRACT

This final course work (TCC) consists of a report on an extension action developed through sock puppet theater workshops at APAE in Tocantinópolis-TO. With the aim of holding such workshops with an emphasis on the integration between art and diversity, the action promoted dialogue with students and educators, allowing us to observe the participation of those involved and highlight the importance of the action in the educational process, especially in the creation of the puppets and their manipulation. In addition, the activity stimulated social interaction and cooperation with the students. Based on my observations, I was able to actively contribute and, at the same time, learn from the workshop. According to the statements made at the end of the workshops, this was a rich experience, especially for me, who had the opportunity to act as a mediator in this process.

**KEYWORDS:** Person with Disabilities (PCD), APAE, Animation Theater and Sock Puppet.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 Contextualização do tema.....	8
1.2 Justificativa da pesquisa.....	9
1.3 Objetivos do estudo.....	10
1.3.1 Objetivo Geral .....	10
1.3.2 Objetivo Específicos.....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
2.1 Teatro de bonecos: conceitos e compreensões.....	11
2.2 Escola e o teatro de bonecos .....	12
2.3 Educação Inclusiva: princípios e desafio.....	13
2.4 APAE de Tocantinópolis/TO.....	14
<b>3 TRANSFORMANDO MEIAS EM SORRISOS: NOSSAS OFICINAS DE BONECOS .16</b>	
3.1 Início da experiência: as oficinas matutinas .....	19
3.1.1 Primeira oficina de confecção dos bonecos (manhã) .....	20
3.1.2 Segunda oficina de confecção dos bonecos (manhã) .....	22
3.1.3 A oficina de manipulação de boneco com as duas turmas do período matutino.....	25
3.2 Terceiro momento da experiência: a oficina vespertina de bonecos de meia.....	28
<b>4 DIVERSIDADE E DESAFIOS: AS DEFICIÊNCIAS DOS PARTICIPANTES DA OFICINA DE BONECOS DE MEIA .....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

O desenvolvimento educacional de pessoas com deficiência tem sido uma temática bastante discutida nos espaços educacionais, refletindo o compromisso destes na busca de igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais. No Brasil, avanços significativos foram realizados nas últimas décadas para promover a inclusão de Pessoas com Deficiência (PCD) no sistema educacional, culminando, segundo o projeto político pedagógico (PPP) da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Tocantinópolis/TO, na aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que reafirma o direito de todos à educação de qualidade.

Nesse contexto, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) desempenha um papel fundamental, que é o de oferecer suporte especializado e atendimento às necessidades específicas das pessoas com deficiência em diversas comunidades pelo país. Ou seja, por não estar inserida no sistema educacional regular e trabalhar exclusivamente com estudantes com deficiência, a APAE não realiza educação inclusiva, mas atua complementarmente com a educação especial, focada nos estímulos específicos voltados para a demanda individual de cada estudante. Em Tocantinópolis/TO, a APAE é reconhecida pelo seu compromisso com a educação, oferecendo serviços especializados e apoio às famílias de Pessoas com Deficiência (PCDs).

No intuito de trabalhar arte e educação com pessoas com deficiência, o presente projeto visou estimular e promover vivências teatrais a partir da realização de oficinas de teatro de bonecos no processo educacional das pessoas com deficiência atendidas pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Tocantinópolis/ TO. Focando no encontro entre arte e educação com PCDs, a intenção dessas oficinas foi propiciar uma experiência teatral a partir do teatro de bonecos no intuito de estimular a imaginação e habilidades psicomotoras de forma acessível, reconhecendo e valorizando as habilidades artísticas das pessoas com deficiência participantes. Como consequência, esperou-se enriquecer a prática educativa por meio da interação entre diferentes áreas do conhecimento e formas de expressão artística.

Por meio do relatório dessa ação de extensão, compartilho com os leitores e as leitoras, educadores/as ou não, um pouco do conhecimento que adquiri com essa experiência no campo da educação com pessoas com deficiência (PCDs), destacando a potência do teatro de bonecos como uma possível ferramenta pedagógica acessível e potencialmente inclusiva. Espero que este relatório possa provocar educadores/as, pesquisadores/as e profissionais da área, bem como oferecer alternativas de práticas educacionais voltadas para Pessoas com Deficiência (PCDs) em contextos similares.

## 1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A temática da educação com pessoas com deficiência sempre despertou meu interesse, sendo um assunto que considero de extrema importância na promoção da igualdade de oportunidades no ambiente educacional. Compreendo que a inclusão de pessoas com deficiência não é apenas uma questão de acessibilidade física, mas também de garantir uma participação ativa e significativa de todos os alunos, independentemente de suas condições. Além disso, como estudante do curso de Educação do Campo com habilitação em Artes, percebo a interdisciplinaridade entre essas duas áreas: a Educação do Campo, que lida com realidades e contextos específicos, enquanto as artes oferecem maneiras criativas e adaptativas de ensinar e aprender.

A arte, em suas diversas manifestações, oferece oportunidades únicas de expressão, criatividade e desenvolvimento pessoal. Dentro desse universo, o teatro de bonecos apresenta-se como uma possível forma de arte acessível e potencialmente inclusiva, capaz de estimular a imaginação e a expressão das pessoas com deficiência de forma lúdica e envolvente.

A escolha de desenvolver uma oficina de teatro de bonecos para pessoas com deficiência atendidas na APAE de Tocantinópolis/ TO surge da compreensão de que essa prática pode proporcionar um ambiente rico em experiências educacionais, pois o “Teatro de Bonecos proporciona um espaço de liberdade para que a experiência da Arte ocorra sem distinção ou rótulo, independente de potencialidades ou fragilidades”. (CARVALHO, 2022, p. 03). A "liberdade" mencionada refere-se à oportunidade de vivenciar a arte sem preconceitos ou estigmas, permitindo que qualquer pessoa, seja ela com deficiência ou não, tenha a chance de explorar sua criatividade, se envolver em

processos colaborativos e vivenciar experiências enriquecedoras no campo da expressão artística.

Portanto, ao unir minha paixão pela educação com pessoas com deficiência e minha formação em Artes na Educação do Campo, espero que este trabalho contribua para ampliar as perspectivas de ensino e aprendizagem para as pessoas com deficiência atendidas tanto na APAE, como em outros espaços. Mais do que isso, espero que esta experiência possa inspirar outros profissionais e estudantes.

### **1.3 OBJETIVOS DO ESTUDO**

#### **1.3.1 Objetivo Geral**

A ação de extensão aqui relatada teve como objetivo geral a realização de uma oficina de teatro de bonecos com pessoas com deficiência atendidas pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Tocantinópolis/TO, com ênfase na interação entre a arte e a diversidade.

#### **1.3.2 Objetivo Específicos**

- Observar a percepção das pessoas com deficiência atendidas pela APAE de Tocantinópolis/TO em relação ao teatro de bonecos como forma artística e uma ferramenta de desenvolvimento pedagógico;
- Refletir sobre a participação dos estudantes com deficiência na oficina de teatro de bonecos, considerando aspectos emocionais e sociais;
- Perceber minhas reações psicossomáticas durante o processo de produção e execução da oficina.
- 

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONTEXTUALIZAÇÃO**

### **2.1 TEATRO DE BONECOS: CONCEITOS E COMPREENSÕES**

Antes de adentrarmos no relatório da experiência, é importante antes, como forma de contextualização conceitual, compreendermos um pouco do que é o teatro de bonecos.

De acordo com Moretti (2011, p. 33-34),

O teatro de bonecos se caracteriza principalmente pela aparente ausência do ator, e esta ausência pode se dar de muitas maneiras. O ator se esconde do público para agir indiretamente sobre a cena.[...] e que o [...] termo teatro de bonecos é utilizado genericamente para descrever bonecos manipulados por

atores ou bonequeiros. Na cultura oriental, o teatro de bonecos está muito ligado à dança e ao drama que aborda temáticas das literaturas clássica e religiosa.

O teatro de bonecos tem a capacidade de representar ações tanto de pessoas quanto de animais ou outras formas. Sua característica principal é o movimento, que é a base da animação e está sempre presente em qualquer improvisação ou espetáculo ensaiado. Desta forma, “o boneco é um objeto animado com uma intenção dramática” (MORETTI, 2011, p.36). Este objeto pode ser construído com esse propósito específico ou ser resultado da combinação de objetos inicialmente indicados a outros usos.

É importante entender que todas as formas de teatro, incluindo o teatro de bonecos, não são apenas entretenimento visual. Elas refletem a sociedade, mostrando suas questões e desejos. Além disso, o teatro nos faz pensar e sentir, nos envolvendo emocionalmente com as histórias apresentadas. Isso cria um espaço especial onde podemos compartilhar ideias e significados, enriquecendo nossa cultura.

Conforme Junior (2020) ressalta, o teatro de bonecos remonta à antiguidade tanto quanto o tradicional teatro de atores, basta lembrarmos as diferentes técnicas do teatro oriental. Nessa perspectiva, o teatro se configura não só como um conjunto de técnicas, mas também como manifestação de natureza humana, com expressões que possibilitam não apenas o desenvolvimento de movimentos e linguagens, mas são uma forma de arte. O teatro de bonecos desempenha um papel relevante no desenvolvimento individual e social, permitindo a exploração e o aperfeiçoamento de movimentos corporais, linguagens verbais e não verbais, contribuindo com a interação e comunicação em contextos coletivos.

Dessa forma, o teatro de bonecos não apenas proporciona entretenimento, mas também contribui para o enriquecimento da experiência humana, para a promoção da compreensão e empatia entre as pessoas, fortalecendo as relações dentro de grupos e entre outras contribuições valiosas.

## 2.2 ESCOLA E O TEATRO DE BONECOS

Na escola, o ensino de teatro de animação, como o teatro com bonecos de meia, é uma oportunidade valiosa para os estudantes explorarem e aprimorarem suas habilidades artísticas através dessa forma de expressão teatral. No teatro com bonecos de meia, os alunos aprendem a “dar vida” a simples meias, transformando-as em

personagens dentro do jogo teatral, dotando esses objetos de movimento e voz. Esta forma de teatro permite aos alunos explorarem sua imaginação de maneira divertida e acessível.

Durante os exercícios de manipulação de bonecos, os/as estudantes desenvolvem habilidades de expressão criativa e comunicação. Eles descobrem como criar personagens e contar histórias usando recursos simples. Além disso, o teatro com bonecos de meia pode ser uma ferramenta expressiva para promover a confiança e a auto expressão, pois os alunos têm a oportunidade de experimentar e se destacar em um ambiente criativo e de apoio.

Dentro do ambiente escolar, o teatro com bonecos de meia oferece uma abordagem lúdica e interativa para ensinar teatro, proporcionando aos alunos uma experiência prática e interessante. Há uma grande preocupação em garantir que as crianças aprendam a ler e escrever o mais rápido possível, entretanto, “quando um educador sugere uma atividade artística, muitas vezes isso é encarado pelos administradores da escola como uma simples brincadeira” (SILVA, 2020, p 30).

A criatividade desempenha um papel crucial na vida humana, especialmente na educação, onde o teatro de bonecos na escola pode desempenhar um papel significativo.

Quando um educador sugere aos alunos a livre construção de bonecos, sem seguir uma receita pronta, usando todo o material oferecido, é possível que o/a aluno/a crie algo que vê em seu cotidiano, é possível que os bonecos construídos apresentem características diversas e distintas. Isso contribui para a valorização da diversidade e para a desconstrução de preconceitos no ambiente escolar. É importante que a escola seja um ambiente onde todos se sintam acolhidos e respeitados, que os educadores incentivem a reflexão e o diálogo em torno dessas questões.

### 2.3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRINCÍPIOS E DESAFIO

Quando desenvolvi meu projeto de ação de extensão como trabalho de conclusão de curso, inicialmente afirmei que objetivava trabalhar com Educação Inclusiva, buscando a APAE como campo para a prática da ação planejada. Porém, com defesa do meu trabalho de conclusão de curso, a professora Dra. Rosa Adelina Sampaio Oliveira (que compôs a banca juntamente com o professor Dr. Leon de Paula) ajudou-me na melhor compreensão do conceito de Educação Inclusiva, sugerindo meu aprofundamento no tema. Assim, dedico este momento do relatório para compartilhar com o leitor e a

leitora o mergulho temático realizado para esclarecer o que é Educação Inclusiva, em contraponto à educação especial realizada nas APAEs por todo o país.

O ensino voltado para a inclusão e o respeito à diversidade busca assegurar que todos os/as alunos/as tenham acesso e participem plenamente da vida escolar, independentemente de suas características individuais ou necessidades específicas. Ao abordar a Educação Inclusiva, destaca-se a importância de proporcionar oportunidades e atender às diversas necessidades dos alunos dentro do sistema educacional.

Na convivência entre pessoas com diferentes habilidades, todos têm a chance de desenvolver maior empatia, respeito e compreensão pelas diversidades humanas. Esse ambiente de aprendizado enriquecido permite que alunos/as de todas as condições aprendam sobre superação de barreiras e valorização das diferenças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária. Todos/as os/as alunos/as podem se beneficiar de um ambiente de aprendizado diversificado, onde são encorajados a respeitar e valorizar as diferenças entre si. Contudo neste processo é relevante que haja colaboração entre professores/as, pais/mães, alunos/as e comunidade. Eles/as devem unir esforços e trabalhar em conjunto para promover e apoiar o desenvolvimento integral de cada aluno/a.

Os desafios enfrentados pela Educação Inclusiva são complexos e abrangem uma série de questões. Como destaca Batista e Cardoso (2020, p. 02),

Diante das realidades das escolas públicas, detecta-se que ainda há muitas lacunas no que diz respeito ao atendimento adequado com instrumentos que venham realmente incluir o indivíduo no processo de ensino e também de aprendizagem, não basta estar dentro da sala de aula para ser incluído. A escola precisa pensar como incluir o aluno para que o mesmo tenha aprendizagem, que é um direito dele. A inclusão contrapõe-se a todo e qualquer tipo de discriminação, e nessa perspectiva é preciso que a escola reavalie todos os seus conceitos, em busca de uma educação que respeite a heterogeneidade. Todavia, esta é uma tarefa árdua para uma instituição que se acomodou com a padronização, excluindo de seu espaço qualquer forma de diversidade.

Enfrentar esses desafios requer um esforço coordenado de diversas partes interessadas, incluindo governos, instituições educacionais, professores, famílias e comunidades, para promover uma educação verdadeiramente inclusiva. Isso envolve não apenas a superação de barreiras físicas e estruturais, mas também a promoção de uma cultura de respeito, valorização da diversidade e combate a todas as formas de preconceito e discriminação. Cada parte tem atribuições específicas nesse processo: os governos devem garantir políticas públicas inclusivas, as instituições educacionais precisam adaptar seus currículos e práticas, os professores devem receber formação adequada, as

famílias devem ser parceiras no processo e as comunidades precisam apoiar a inclusão em todos os níveis.

Por se tratar de uma instituição educacional que trabalha exclusivamente com pessoas com deficiência, as APAEs não trabalham com Educação Inclusiva, conforme o conceito explanado acima, mas oferecem um suporte para auxiliar no desenvolvimento pessoal das PCDs e potencializar sua inclusão em outros espaços.

#### 2.4 APAE DE TOCANTINÓPOLIS/TO

De acordo com seu PPP (2023), a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Tocantinópolis/TO foi fundada em 16 de fevereiro de 2000 e desempenhou um papel fundamental na criação e efetivação da Escola Especial "Um Passo Diferente", inaugurada em primeiro de agosto do mesmo ano. A escola está localizada no centro da cidade de Tocantinópolis/TO, em um prédio cedido pela Diretoria Regional de Educação. O prédio conta com a seguinte estrutura: três salas de aula, uma sala de oficina, uma sala de coordenação conjugado com biblioteca e orientação, uma sala de direção conjugada com secretaria e financeiro, uma sala dos professores, dois banheiros, sendo um masculino e outro feminino, uma cantina, uma despensa, um pátio coberto que é usado como refeitório, espaço para acolhidas e reuniões e uma garagem para os ônibus. A área da escola é toda murada, com dois portões de acesso.

Atualmente, a Escola Especial "Um Passo Diferente" APAE funciona em dois turnos: matutino e vespertino. A instituição atende às modalidades de Ensino Fundamental (primeira e segunda fase) e Educação de Jovens e Adultos (do primeiro ao terceiro segmento), totalizando 98 alunos/as matriculados/as. De acordo com o PPP (2023), a escola atende crianças e adultos com as seguintes deficiências: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Múltipla, Deficiência Intelectual, Deficiência Auditiva e Deficiência Visual.

Conforme descrito no PPP (2023), a APAE de Tocantinópolis é uma instituição amplamente reconhecida por sua dedicação e compromisso com o bem-estar e desenvolvimento integral de pessoas com deficiência. Sobre o olhar da constituição da escola Especial Um Passo Diferente, como sinônimo de força destacamos a boa aceitação das ações pedagógicas desenvolvidas pela escola, a satisfação e envolvimento dos estudantes na realização dos acolhimentos, o recreio animado, a participação nos jogos especiais, o protagonismo de adaptação das atividades pedagógicas com ênfase ao lúdico.

### **3 TRANSFORMANDO MEIAS EM SORRISOS: NOSSAS OFICINAS DE BONECOS**

Discutir a temática relacionada à pessoa com deficiência sempre foi um dos meus principais objetivos. Nesse percurso, conforme já dito, escolhi a APAE da cidade de Tocantinópolis/TO como cenário para a realização de uma oficina de construção e manipulação de bonecos de meia. Porém, a decisão de trabalhar com essa linguagem artística veio depois...

No início do projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), eu havia pensado em trabalhar com fotografia, buscando fazer algo diferente, mas sempre com o foco em pessoas com deficiência. Assim, a princípio, meu TCC não seria uma ação de extensão, mas a apresentação de um produto artístico: uma exposição fotográfica com fotografias captadas tanto na APAE/ Tocantinópolis, como em outros espaços de socialização de pessoas com deficiência no município de Tocantinópolis/TO.

Iniciei o projeto realizando alguns testes com a câmera fotográfica disponibilizada pelo Laboratório de Teatro da UFNT, sob a supervisão da mesma orientadora (Ms. Luana Mara Pereira). Também contei com a contribuição do professor Dr. Leandro Lente Andrade, que, por sua experiência na área de fotografia, chegou a assumir a função de co-orientador no antigo projeto. Assisti a alguns filmes e documentários e conheci o trabalho de diversos artistas. No entanto, o trabalho não fluiu como eu esperava e não consegui alcançar o resultado desejado em relação às fotos. Diante disso, decidi iniciar um novo projeto para dar continuidade ao meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Busquei opções que mantivessem o foco que era estudar e se relacionar com as pessoas com deficiência. Foi então que minha orientadora, a professora mestra Luana Mara Pereira sugeriu a ideia de uma oficina de teatro de bonecos de meia. Embora inicialmente estivesse incerta sobre como conduzir essa atividade, aceitei o desafio, uma vez que havia cursado a disciplina de Laboratório de Teatro I, na qual trabalhamos com teatro de bonecos, e optei por realizá-la na APAE de Tocantinópolis/TO, um local onde já havia executado outros projetos.

Anteriormente, tive a oportunidade de desenvolver um trabalho de intervenção durante a disciplina de Estágio Supervisionado IV, bem como promover um dia de brincadeiras adaptadas, atividade vinculada à disciplina optativa de Jogos e Brincadeiras para Pessoas com Deficiência, oferecida no curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) de Tocantinópolis, mas fazendo parte da minha grade curricular. A experiência adquirida nesses projetos na APAE reforçou minha

convicção de que eu deveria realizar algo que pudesse vir a contribuir para o desenvolvimento dos/as estudantes daquela Unidade Escolar.

Retomei as orientações que haviam sido temporariamente interrompidas e entrei em contato novamente com a coordenação da APAE. O primeiro contato foi estabelecido por meio de uma mensagem no WhatsApp, direcionada à nova coordenadora pedagógica, com quem expressei meu interesse em realizar uma oficina de teatro de bonecos. A partir dessa comunicação, agendamos uma reunião presencial para discutirmos os detalhes do projeto.

Na semana seguinte, fui recebida pela Marlúcia, coordenadora pedagógica da escola, a quem entreguei uma carta de apresentação fornecida por minha orientadora. Durante essa primeira conversa presencial, que teve um caráter informal devido à ausência de um plano de ação formalizado, expliquei de maneira preliminar como estava planejando desenvolver a oficina e consultei a coordenadora sobre a possibilidade de implementar o projeto na instituição.

A conversa foi positiva e a coordenadora aceitou meu projeto de imediato. Ela destacou a importância de incluir todos/as os/as alunos/as, tanto do turno matutino, quanto vespertino, e informou que havia cerca de setenta alunos/as no total, embora nem todos frequentassem regularmente as atividades escolares.

Perguntei sobre a possibilidade de solicitar meias usadas aos pais para a oficina, mas a coordenadora explicou que muitas famílias poderiam ter dificuldades em atender a essa solicitação devido suas condições financeiras, pois a maioria dos/as estudantes são de famílias de baixa renda.

A coordenadora da APAE garantiu que o suporte aos/às alunos/as seria fornecido pelos professores/as e eu informei que discutiria a oficina com minha orientadora. Preocupada com a quantidade de material necessário, conversei com a professora Luana Pereira, que, embora preocupada com o número de alunos/as, considerou o projeto viável. Ela sugeriu dividir os/as alunos/as em grupos e realizar a oficina em dois dias, se necessário.

É relevante mencionar que, antes da realização da oficina, considerei pertinente realizar um teste preliminar. Em minha primeira tentativa de criar um boneco de meia, utilizei cola quente, botões, barbante e um laço. O resultado não atendeu totalmente às minhas expectativas: embora eu tenha conseguido dar forma ao boneco, a meia era um pouco curta e as estampas não destacaram adequadamente o rosto do boneco. A cola quente foi fácil de manusear, mas foi necessário tomar cuidado para evitar queimaduras.

Esse teste me permitiu identificar os ajustes necessários e criar um boneco em aproximadamente 20 minutos. A foto a seguir ilustra a forma do boneco teste.

**Figura 01: Boneco de meia desenvolvido no teste preliminar.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Considerando que as meias eram o item mais caro, minha orientadora sugeriu verificar a disponibilidade de meias no Laboratório de Teatro da Universidade. Ela não tinha certeza se a quantidade disponível seria suficiente para todos/as alunos/as e propôs a formação de duplas caso não fosse possível fornecer uma meia para cada aluno/a, com a restrição de que os bonecos não poderiam ser levados para casa caso fossem feitos em duplas. Diante disso, sugeri a compra das meias, apesar do custo significativo, e minha orientadora entrou em contato com o professor Dr. Leon de Paula, que possuía significativo quantitativo desse material para uso teatral, para tentar obter uma doação. Após dois dias, recebi a confirmação de que o professor cedeu gentilmente o montante das meias para trabalho criativo e que eu poderia retirá-las no Laboratório de Teatro e as usar para a oficina.

Cabe ressaltar que na oficina de confecção de bonecos os materiais utilizados foram as meias, botões para os olhos, barbante para confeccionar os cabelos e laços para enfeitar os bonecos. A cola quente foi utilizada para fixar os botões, cabelos e laços. Esses materiais foram escolhidos por disponibilidade e custo, bem como pela capacidade de

proporcionar uma experiência educativa envolvente e promover o desenvolvimento de habilidades motoras finas.

Após a realização do teste e a organização dos materiais, entrei em contato com a coordenadora para agendar a oficina. A data foi marcada para o dia 22 de maio de 2024, com a decisão de que a oficina ocorreria tanto no turno matutino, quanto novamente no vespertino.

### 3.1 INÍCIO DA EXPERIÊNCIA: AS OFICINAS MATUTINAS

Por volta das 7h30 do dia 22 de maio de 2024, cheguei à APAE acompanhada da Sara Alves, também estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFNT (que cursou comigo a disciplina de Laboratório de Teatro I, tendo por isso intimidade com a linguagem do teatro de bonecos) e minha amiga, para quem eu havia solicitado ajuda com os registros. Ao entrar na escola, encontrei um pequeno painel preparado com o nome "Oficina de Boneco de Meia" no local designado, que seria o pátio, um espaço utilizado tanto para eventos escolares quanto como refeitório. Comecei a organizar os materiais em uma mesa previamente reservada.

Para montar o cenário, trouxe um pano que serviria como nosso palco (também chamado de empanada), mas, como o espaço era maior do que o pano, uma professora sugeriu utilizar uma cortina grande disponível na escola. Coloquei a cortina de forma lateral, o que funcionou bem como palco. Enquanto eu organizava os materiais, os/as professores/as começaram a trazer os/as alunos/as para o pátio. A foto a seguir mostra a organização do pátio para realização da oficina.

**Figura 02: Painel da oficina e mesa com materiais.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

É importante destacar que a oficina foi realizada em três momentos distintos. Pela manhã, as atividades foram divididas em dois grupos, enquanto à tarde, houve a formação de um único grupo.

### **3.1.1. Primeira oficina de confecção dos bonecos (manhã)**

Às 8h15, iniciei a atividade me apresentando e explicando a origem e os objetivos do meu projeto. Embora estivesse um pouco nervosa devido ao grande número de alunos presentes no pátio, apesar de eu ainda não ter consultado a lista de presença, procurei transmitir confiança. Apresentei a proposta de confeccionarmos juntos/as um boneco de meia, enfatizando que cada aluno/a teria a liberdade de criar o seu de maneira única. Mostrei um boneco já pronto como exemplo, destacando que não havia necessidade de uniformidade entre os bonecos.

Expliquei que eles poderiam ser personalizados de diversas formas, como serem carecas, terem cabelos coloridos, olhos diferentes, usarem acessórios ou até mesmo terem tranças, encorajando a expressão da criatividade de cada um/a.

Em seguida, realizei uma demonstração utilizando meu próprio boneco, explicando as possíveis posições para a colocação do cabelo e dos olhos. Ressaltei que a boca seria representada pelo gesto de abrir a mão, uma vez que não utilizaríamos materiais para confeccioná-la. Para manter a organização e garantir que todos/as os/as alunos/as tivessem acesso aos materiais necessários, dividimo-los em grupos. A foto a seguir ilustra o boneco já finalizado que levei como exemplo para mostrar para eles/as antes de iniciarem a confecção de seus próprios bonecos.

**Figura 03: Boneco finalizado.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

No ambiente da oficina, dispus duas mesas: uma destinada exclusivamente às meias e outra para as pistolas de cola quente. Optamos por utilizar duas pistolas, considerando que nem todos/as os/as alunos/as possuem familiaridade com seu manuseio; por isso, eu e os/as professores/as presentes oferecemos suporte na aplicação da cola. Disponibilizei barbantes, botões e laços de forma acessível para facilitar o uso durante a atividade. A foto a seguir ilustra o momento mencionado.

**Figura 04: Alunos participando da oficina de confecção de bonecos de meia.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

O primeiro grupo aproximou-se da mesa para selecionar os materiais, com o auxílio dos/as professores/as. Inicialmente, os/as alunos/as começaram a confeccionar os bonecos utilizando pouco cabelo, aplicando moderadamente o barbante e optando por uma paleta de cores limitada.

Destaco que dois alunos autistas do grupo demonstraram interesse em participar ativamente e escolher seus materiais, mas foram impedidos pela professora responsável. Ela agiu de maneira irônica e sarcástica, sugerindo que confeccionaria os bonecos apenas para tirar uma foto e, em tom de crítica, questionou quanto seria remunerada por isso, além de reclamar da qualidade da tesoura disponível. No entanto, aproximei-me e pedi que ela apenas auxiliasse os alunos. Apesar das reclamações, ela continuou a ajudar não apenas seus/ seus próprios/os alunos/as, mas também colaborou com outros professores/as.

Isso faz se pensar como não houve profissionalismos e respeito da parte da professora, por querer desmerecer a proposta da oficina na frente dos alunos/as, além de sua postura minar a possibilidade de vivência criativa por parte dos estudantes. O momento foi tão rápido, e logo no início da ação, que não tive uma postura adequada para

a situação. Senti-me paralisada e não soube como reagir, mas agora, refletindo sobre o ocorrido, acredito que esse acontecimento explicita a necessidade da formação adequada e sensibilização dos/as profissionais da educação com relação às Pessoas com Deficiência (PCDs), para evitarmos situações capacitistas como a descrita acima, que foi uma forma de agressão aos estudantes quais ela era responsável por auxiliar.

Neste momento, senti certo desespero e uma vontade de chorar, mas consegui conter as lágrimas e continuei a auxiliar os/as alunos/as, orientando aqueles que concluíam a atividade a retornarem aos seus lugares com seus bonecos finalizados. Essa situação foi um verdadeiro teste para minha persistência e determinação. Enfrentar a atitude negativa da professora enquanto tentava manter a calma e o foco no bem-estar dos/das alunos/as foi um desafio emocional significativo. No entanto, entendi que, apesar das dificuldades, o mais importante era continuar a apoiar os/ as estudantes e garantir que todos/as pudessem participar da atividade. Esse episódio me ensinou muito sobre a importância de manter a compostura e o profissionalismo, mesmo em circunstâncias adversas.

### **3.1.2. Segunda oficina de confecção dos bonecos (manhã)**

Na segunda oficina, por volta das 8h45, segui o mesmo processo de explicação. Após a confecção dos bonecos, iríamos fazer a parte de manipulação, mas percebi algumas diferenças entre a primeira e a segunda turma da manhã. Uma aluna com deficiência intelectual, por exemplo, após terminar seu boneco de meia, não queria se sentar; preferiu continuar mexendo nos botões.

**Figura 05: Observando os materiais.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Também observei uma senhora com deficiência auditiva que se dedicou intensamente à confecção do seu boneco, cuidando de cada detalhe com muito capricho. Ela estava tão concentrada que pediu para colocar um nariz no boneco, pegando um pedaço de barbante e pedindo que eu o colocasse como nariz. Nesse grupo, os bonecos ficaram bem mais variados: alguns com pouco cabelo, outros com muito, e as cores dos barbantes foram misturadas. A foto a seguir mostra o boneco com nariz.

**Figura 06: boneco de meia com nariz.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Durante a segunda oficina, percebi outras situações interessantes. Um rapaz com trissomia do cromossomo 21, por exemplo, queria um boneco em cada mão. Expliquei para ele que não seria possível, pois ainda precisaríamos das meias para os/as alunos/as da tarde. Ele entendeu sem resistência e me devolveu a meia que não havia utilizado, mas que estava segurando no braço.

Enquanto os/as últimos/as alunos/as faziam seus bonecos, alguns/algumas dos/as participantes da oficina anterior voltaram à mesa para adicionar mais detalhes aos seus.

Houve uma aluna que não quis participar da fabricação. Houve também o caso de um aluno com deficiência múltipla que não teve nenhum contato com os materiais, sua cuidadora acabou confeccionando o boneco para trabalhar com ele em outros momentos na escola.

Quase no fim da atividade, um senhor se aproximou e queria que eu fizesse um boneco com ele. Naquele dia, ele estava bastante zangado, até gritando um pouco com

os/as outros/as colegas. Escolheu uma meia que se ajustou bem à sua mão. Ele escolheu um barbante de cor única e quis usar um pouco para o cabelo. Auxiliei-o nas colagens, e ao terminar, ele me deu um grande sorriso, satisfeito com o boneco que criamos juntos. A foto a seguir ilustra o momento supracitado.

**Figura 07: O boneco e um sorriso.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

### **3.1.3 A oficina de manipulação de boneco com as duas turmas do período matutino**

Com o tempo controlado conforme o cronograma planejado e o auxílio dos professores/as desde o início, a turma da manhã conseguiu concluir a confecção dos bonecos dentro do prazo previsto, às 9h20. Após a finalização, todos se sentaram e organizamos a próxima etapa: uma apresentação de improviso para praticarmos a manipulação dos bonecos que foi um exercício de triangulação<sup>1</sup>: o boneco entra em cena, cumprimenta o público, fala seu nome, se despede do público e sai de cena. Esse mesmo exercício de triangulação serviu para os dois turnos.

Apresentei meu boneco, que dei o nome de Rebeca, e pedi que cada participante desse um nome ao seu. Com a ajuda da minha amiga Sara Alves, mostramos como os bonecos poderiam ser apresentados. Primeiramente eu demonstrei na frente da empanada

---

<sup>1</sup> Triangulação teatral, conforme explicado pela professora Luana Pereira durante a disciplina de Laboratório de Teatro I, é quando a personagem olha diretamente para o público durante a sua atuação em cena.

(tecido que funcionou como palco) e, depois, ela fez uma demonstração por trás da empanada: entrou em cena, falou o nome do boneco, despediu-se e saiu de cena de forma simples.

A turma dos/as alunos/as matutinos começaram as apresentações. Não conseguimos organizá-las individualmente, ocorrendo as apresentações em duplas e trios, porque alguns não queriam esperar sua vez para participar. Assim, a divisão acabou ficando por conta dos/as professores/as, já que a maioria é responsável por três ou mais alunos. É importante destacar que tiveram alguns/mas alunos/as que não quiseram se apresentar. Deixei claro que eles não eram obrigados.

Nas apresentações, teve uma grande variedade de abordagens: alguns/algumas alunos/as entraram e falaram, enquanto outros/as ficaram atrás da cortina sem dizer nada. Um aluno, que gosta muito de cantar em eventos da escola, nomeou seu boneco de "Falador", o que gerou risadas, pois ele realmente fala bastante. Também houve um caso interessante de um rapaz com trissomia do cromossomo 21, que deu ao seu boneco o nome de "Neném". Curiosamente, um colega próximo, que tem deficiência intelectual, também escolheu o nome "Neném" para o seu boneco. Ele fez isso com um olhar leve e sem maldade, apenas querendo escolher o mesmo nome do colega. A foto a seguir mostra o momento da apresentação.

**Figura 08: Alunos participando da apresentação de bonecos de meia.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

A senhora com deficiência auditiva se apresentou mostrando seu boneco e fazendo a apresentação com uma mão por cima da cortina, com a ajuda de sua professora, que fez

a tradução. Ela deu um “bom dia” e informou que o nome de sua boneca era “Narizinho”, o que combinou perfeitamente, já que ela fez um nariz bem destacado no boneco. Esses foram os nomes escolhidos. A foto a seguir mostra o boneco Narizinho sendo manipulado juntamente com outros bonecos.

**Figura 09: boneco do narizinho.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Após as apresentações, tiramos fotos para meus registros e para a escola, que sempre documenta esses momentos de atividades de projetos tanto externos como os que eles mesmo produzem. Tentei tirar uma foto de todos os bonecos atrás da cortina, mas minha ideia não deu muito certo, pois eles se apoiaram na cortina e acabou aparecendo o boneco e o rosto deles. Com tudo que havia imaginado sobre as fotos posadas, o resultado ficou mais do que o esperado, pois houve espontaneidade! Assim, apesar de que de início pensei em algo mais elaborado para fotografar, no decorrer da ação as fotos foram fluindo e a experiência rica foi sendo registrada espontaneamente.

As fotos espontâneas acabam por revelar mais verdades, sendo mais ricas em elementos para análise, potencializando a importância do registro. O foco nos bonecos foi complementado pelo foco nos e nas participantes. A seguir mostra o momento da demonstração dos bonecos.

Figura 09: Demonstração dos bonecos meia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ao final das apresentações, pedi que, quem quisesse, compartilhasse suas impressões sobre a atividade, para que pudéssemos realizar uma avaliação coletiva da atividade. O horário já estava um pouco apertado, quase na hora do lanche, mas finalizamos com uma avaliação positiva da coordenadora pedagógica. No momento da finalização, ela teve que sair, mas deixou uma professora para fazer um agradecimento em nome dela. Assim, finalizei minha oficina pela manhã onde participaram vinte e nove alunos/as, agradecendo pelo apoio e ajuda que tive.

Refletindo posteriormente com a ajuda da banca sobre esse momento, percebi que não consegui ter uma expressão maior com todos/as no final da oficina, no sentido de avaliação. Não procurei, de certa forma, me aprofundar um pouco mais com os estudantes para tentar ouvir um pouco deles, pois deveriam ter o que dizer: sua opinião de como foi a oficina, o que sentiram, como sentiram, o que aprenderam. Em parte por falta de tempo e em parte por falta de insistência e estratégia pedagógica para estimulá-los a se expressar, acabamos deixando se passar partes importantes que poderiam ter sido mais bem aproveitadas. Após essa experiência, tomo consciência da importância da garantia do espaço dessa fala final de avaliação para que haja respeito à opinião e sentimentos deles e para que sejam empoderados da importância de existirem. Percebo aqui que não é

possível querer falar de inclusão sem participação e respeito ao lugar de fala. Fica aqui essa alerta reflexiva para os próximos projetos.

Logo após, comecei a guardar o material para a volta à tarde, enquanto os/as alunos/as foram se organizando nas mesas para lanche.

### 3.2 TERCEIRO MOMENTO DA EXPERIÊNCIA: A OFICINA VESPERTINA DE BONECOS DE MEIA

Devido ao intenso calor no pátio, que estava muito quente, a oficina foi marcada somente para às 15h30, ainda no dia 22 de maio de 2024. Cheguei por volta das 15h e fui até a sala da coordenadora para avisar da minha chegada. Ela pediu para que uma funcionária avisasse nas salas de aula para que as professoras trouxessem os/as alunos/as para o pátio. Enquanto isso, organizei uma mesa com os materiais e coloquei a cortina.

A coordenadora me chamou e explicou que, à tarde, havia menos alunos/as. Além disso, ela também comentou que os/as alunos/as da tarde “eram mais comprometidos” (nas palavras da coordenadora), ou seja, os/as estudantes do vespertino tinham menos autonomia e menos disponibilidade que os/as do matutino, além de demandarem maiores suportes por conta das especificidades de suas deficiências. Apesar disso, ela insistiu que a oficina fosse realizada com todos/as os/as estudantes da escola, por acreditar que todos/as tinham potencialmente algo a aprender com ela.

Às 15h30, comecei a oficina me apresentando, falando meu nome, de onde era e explicando que faríamos bonecos de meia e como cada um iria criar o seu próprio boneco. Apresentei os materiais que seriam usados: meias, botões, pistola de cola quente, barbante e alguns laços.

Os/as alunos/as foram se aproximando da mesa e escolhendo os materiais com ajuda de seu/sua professor/a auxiliar. Aproximou-se da mesa uma senhora toda alegre fazendo seu boneco com auxílio da professora e, rindo, contou uma história de que a professora estava grávida. A professora comentou que ela era assim, sorridente. Também teve um senhor que fez o boneco e queria colocar um laço, então a professora sorriu e disse que os laços eram para as meninas, mostrando com poucas palavras seu desejo de ter o acessório, mesmo com a falar não tão contente da professora o laço foi colocado e ele sorriu em agradecimento.

A fala da professora nos faz pensar de que forma as questões de gênero são vistas dentro da unidade escolar. Fala essa, que no momento pode ter passado despercebida,

recebida com naturalidade, mas que estava carregada de preconceito. Mais uma vez aqui, reflito sobre a importância do preparo e da sensibilização de educadores/as para alguns temas, para que não sigam reproduzindo qualquer tipo de violência (mesmo que simbólicas) em espaços educativos.

Os/as alunos/as foram voltando para seus lugares após terminarem os bonecos sem muita dificuldade. A tarde passou mais rápido devido à menor quantidade de alunos/as - apenas dezenove participantes dos/as vinte e três presentes. Dos quatro que não conseguiram participar da confecção, dois eram autistas adultos que estavam demasiadamente inquietos e, segundo as educadoras, sem condições para participar (provavelmente em situação de crise), que nem saíram da sala, um era um adulto com deficiências múltiplas e baixa visão, que ficou observando a oficina de longe, e a outra era uma senhora com deficiência múltipla que ficou entre a turma, mas não quis participar.

Finalizamos a confecção dos bonecos às 16h05. Eles/as estavam nos seus devidos lugares quando fui explicar sobre a manipulação do boneco e como iriam apresentar seus bonecos. Minha amiga fez uma pequena demonstração de como fariam atrás do cenário, enquanto continuei a explicar que dariam nomes para seus bonecos e entrariam, olhariam para o público, diriam o nome e sairiam de cena.

Iniciamos com uma senhora que não conseguiu dar nome para seu boneco, apenas entrou, mexeu com o boneco e saiu. Em seguida, tivemos outra senhora sorridente que tem deficiência intelectual, ela apenas sorriu, sem dizer nada. Depois, um rapaz autista, um pouco tímido e que passou a oficina toda calado, quis se apresentar: entrou com seu boneco, disse "boa tarde" e saiu. Os/as demais estudantes não se apresentaram.

Refletindo sobre a baixa adesão nessa segunda parte da oficina do turno da tarde, penso que possa ter ocorrido em grande parte por timidez, insegurança/ falta de confiança e indisposição dos/das participantes.

O que posso ponderar é que a turma da tarde não conta com crianças, sendo composta por uma maioria de adultos e pessoas mais maduras, além de ser menos volumosa (foram vinte e seis estudantes pela manhã e dezenove pela tarde). Creio que a faixa etária da turma e o fato de serem menos participantes pode ter influenciado na adesão do segundo momento da oficina da tarde, que foi o de manipulação dos bonecos. Além disso, o calor estava muito mais intenso no período da tarde, o que contribui para maior indisposição.

Na parte da tarde, a confecção dos bonecos foi tranquila, com poucas dificuldades, houve adesão e os/as estudantes pareciam interessados/as e estar desfrutando da oficina. Porém, na hora da manipulação, pode ser que possa ter faltado um pouco mais de incentivo e motivação por parte dos/as professores/as e minha, como mediadora.

Por serem mais velhos e uma turma numericamente reduzida, talvez se tivesse havido um pouco mais de motivação e insistência, possíveis casos de timidez e insegurança poderiam ter sido superados e a adesão pudesse ter sido um pouco maior. Com relação ao “comprometimento” anunciado pela coordenadora, creio que instruções e exercícios com ações ainda mais simplificadas no momento da experiência da manipulação dos bonecos de meia poderiam também ter propiciado maior adesão.

Outra atitude que eu poderia ter tido era de ser mais insistente e motivá-los/as com mais energia. Se a turma da tarde já carrega o estigma e o rótulo de baixa participação, possivelmente educadores e outros profissionais não costumam ser tão insistentes com essa turma.

Não sou profissional da área da saúde para falar sobre diagnósticos, mas o que aprendi com meus estudos durante o desenvolvimento deste TCC é que não devemos julgar ou taxar as PCDs por seus diagnósticos (o que seria capacitista e excludente), mas pensar quais estratégias usar para conseguir oferecer acesso a cada especificidade da demanda de cada um. Refletindo posteriormente sobre a oficina realizada com a turma da tarde, percebo que houve uma falta de preparo de minha parte que não soube naquele momento garantir condições para a participação aqueles/as estudantes, não soube como fazer para que se sentissem mais à vontade e mais desejosos de participar.

Influenciada pela fala da coordenadora, no momento da oficina da tarde nem pensei em insistir ou reformular o exercício, porém, agora, ao escrever o presente relatório, reflito sobre o acontecido e fico com os questionamentos: “Será que se tivesse havido maior insistência e motivação, a adesão poderia ter sido maior? E se eu os tivesse provocado com comandos de ações mais simples, será que isso aumentaria a disponibilidade e participação?”. Infelizmente essas respostas não poderei dar ao/à leitor/a neste TCC e ficará para estudos posteriores, levando-os comigo para minhas experiências docentes futuras.

Assim, finalizamos as apresentações e depois fomos tirar fotos e fazer os registros de forma geral. Perguntei se tinham gostado e eles/as disseram que sim. Não consegui me aprofundar mais especificamente com eles/as em relação à avaliação, pois segui a linha da professora ao dizer que eram mais comprometidos, também pelo que pude

acompanhar. Finalizo agradecendo a todos pela participação. A foto a seguir mostra os detalhes dos bonecos já finalizados.

**Figura 09 : detalhes dos bonecos.**



**Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

Com essa experiência, observei que a oficina de bonecos de meia pode ser uma atividade enriquecedora em processos de ensino e aprendizagem com alunos/as da APAE. Observei como a atividade estimula a criatividade e a expressão pessoal de cada aluno/a, permitindo que eles/as se envolvam ativamente na fabricação de seus próprios bonecos, apesar de suas dificuldades. Trabalhar com materiais diversos nas confecções dos bonecos propicia o desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas como a capacidade de realizar movimentos e a manipulação de objetos. Além disso, a oficina de bonecos pôde também favorecer a interação social e a cooperação com os/as alunos/as. Foi visível como a atividade ajudou os/as alunos/as a se expressarem, promovendo um senso de pertencimento e autoconfiança. Não esquecendo o quão foi e é relevante o papel dos/as professores/as e professores/as auxiliares nesse processo de ensino e aprendizagem de alunos/as com deficiência.

#### **4 DIVERSIDADE E DESAFIOS: AS DEFICIÊNCIAS DOS PARTICIPANTES DA OFICINA DE BONECOS DE MEIA**

Ao realizar a Oficina de Bonecos na APAE de Tocantinópolis tive o prazer de trabalhar com um público bastante diversificado, composto por alunos/as com diferentes condições, incluindo Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Auditiva, Trissomia do Cromossomo 21 e Deficiências Múltiplas. Todas essas deficiências apresentam dificuldades para quem as possui. A Deficiência intelectual por exemplo:

[...] corresponde a um desenvolvimento incompleto do funcionamento intelectual, caracterizada, essencialmente, por um comprometimento das faculdades que determinam o nível global de inteligência, ou seja, das funções cognitivas. As funções cognitivas correspondem à capacidade de aprender e compreender, sendo funções superiores que se estabelecem a partir do sistema nervoso central. (MALLOY, DINIZ, 2010, apud SANTOS, 2012, p.938)

Assim, a deficiência intelectual afeta as habilidades que contribuem para a inteligência geral de uma pessoa. Esse comprometimento refere-se a dificuldades nas habilidades mentais básicas, como raciocínio, resolução de problemas e planejamento. Devido a essas limitações, as crianças e adultos com deficiência intelectual que participaram da oficina de bonecos de meia contaram com a ajuda dos/as professores/as auxiliares, que foi de suma importância no desenvolvimento educacional. Apesar das dificuldades observadas, esse público conseguiu confeccionar os bonecos e realizar a apresentação que era a proposta final da oficina.

Participaram também da oficina pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que, segundo Santos (2011, p. 10):

[...] é uma desordem que afeta a capacidade de a pessoa comunicar-se, de estabelecer relacionamentos e de responder apropriadamente ao ambiente que a rodeia. O autismo, por ser uma perturbação global do desenvolvimento, evolui com a idade e se prolonga por toda vida.

As pessoas com autismo podem enfrentar dificuldades para se expressar, compreender normas sociais e reagir a estímulos sensoriais, o que pode resultar em comportamentos que diferem do esperado. Isso ficou evidente no caso de um rapaz que, inicialmente, mostrou-se receoso em confeccionar seu boneco durante a oficina da tarde. No entanto, ele conseguiu finalizar a tarefa e, com o incentivo da professora, apresentou atrás da cortina, colocou o boneco sobre a mesma, disse “boa tarde” e saiu. Embora pareça

uma ação simples, adaptar-se a um espaço social pode ser um desafio significativo para pessoas com autismo.

Outra deficiência presente no público dessas oficinas de bonecos de meia foi a Deficiência Auditiva que, segundo Maia (2012, p. 10), “a pessoa com deficiência auditiva ou com surdez apresenta perda parcial ou total de audição em determinadas frequências por conta de doenças congênitas ou adquiridas, o que dificulta a compreensão da fala por meio da audição”.

A única pessoa com deficiência auditiva que participou da oficina foi uma senhora já mencionada anteriormente no trabalho. Com o auxílio de sua professora, que atuou como facilitadora da comunicação, ela conseguiu realizar sua apresentação, apesar de suas limitações. A professora traduziu a fala da senhora, permitindo que todos entendessem sua mensagem. Durante a apresentação, a senhora disse "bom dia" e apresentou sua boneca, que nomeou de Narizinho, demonstrando o vínculo criativo que estabeleceu com sua criação. Esse exemplo mostra como, mesmo com limitações auditivas, com o apoio adequado é possível que as pessoas participem ativamente e compartilhem suas criações com os outros.

Durante a oficina, observei que muitos/as estudantes ficaram um pouco tímidos/as para participar, mantendo-se afastados/as. Eles/as pareciam querer participar, mas ao mesmo tempo demonstravam vergonha, talvez por medo de não conseguir realizar a atividade ou por insegurança. A timidez pode ser atribuída à dificuldade de se expor em um ambiente com pessoas novas ou em atividades que exigem interação e expressão emocional, como o teatro de bonecos. Além disso, o receio de errar ou de ser avaliado/a negativamente pelos colegas pode intensificar esse comportamento, criando uma barreira entre o desejo de participar em se envolver completamente. Essa é uma reação comum em contextos de aprendizado coletivo e a autoconfiança ainda está sendo desenvolvida.

Esse não foi o caso de um estudante com Trissomia do Cromossomo 21, que é "uma cromossomopatia, ou seja, uma doença cujo quadro clínico global é explicado por um desequilíbrio na constituição cromossômica (no caso, a presença de um cromossomo 21 extra), caracterizando, assim, uma trissomia simples [...]" (SILVA; DESSEN, 2002, p. 02). Mesmo com toda a sua timidez, ele conseguiu fazer o seu boneco e lhe deu o nome de Neném.

É importante destacar que as participantes com deficiências múltiplas, expressão adotada para designar pessoas que têm mais de uma deficiência (SILVA, 2011), também

tiveram sua participação garantida a partir do acompanhamento das profissionais auxiliares.

Além disso, os/as educadores/as participaram ativamente, auxiliando seus/as alunos/as durante a oficina. Posso afirmar que, além da participação ativa, houve um acolhimento muito significativo, onde os/as participantes puderam expressar seus sentimentos tanto na criação dos bonecos quanto na improvisação no palco. Embora a atividade tenha sido breve, essa experiência foi muito rica, especialmente para mim, que tive a oportunidade de atuar como mediadora desse processo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relatório, apresento a experiência de uma ação de extensão como trabalho de conclusão de curso (TCC), que foi composta por oficinas de teatro de bonecos de meia com pessoas com deficiência, com ênfase na importância de se trabalhar arte e diversidade. Durante o processo de criação e execução da oficina, pude refletir sobre minhas reações e aprendizagens, o que reforçou ainda mais minha dedicação e envolvimento com o projeto.

A partir da contextualização realizada no início do relatório e das práticas vivenciadas durante a ação, ficou claro o quanto o teatro de bonecos pode ser benéfico no ensino e aprendizado desses alunos/as, tornando a educação mais inclusiva, acessível e enriquecedora para todos.

A oficina proporcionou uma conexão enriquecedora com os/as participantes, gerando um espaço de acolhimento e aprendizagem mútua, que valorizou os/as estudantes e possibilitou a realização do trabalho.

Assim, esta ação de extensão promoveu oportunidades de diálogo e aproximação entre educadores/as e alunos/as, explorando a confecção e manipulação dos bonecos de meia como uma forma de impulsionar a criatividade, a coletividade e a expressão individual de cada participante.

Considerando a fragilidade da baixa adesão na segunda oficina, não consegui obter uma resposta clara sobre os motivos que levaram à falta de participação. Diversas questões surgiram após a conclusão da oficina, que me fizeram refletir sobre o que realmente eu deveria ter feito para engajar mais os participantes. Pensando nisso, expressei meu reconhecimento por não ter tomado medidas diferentes que poderiam ter incentivado uma maior participação dos estudantes. Percebo agora que teria sido importante buscar abordagens mais eficazes, como motivação, para garantir que todos se sentissem mais à vontade e estimulados a participar ativamente.

Apesar de todos os pontos abordados e por ser minha primeira oficina, eu acredito que cheguei no meu objetivo de realizar uma oficina com pessoas com deficiência e fiquei satisfeita com os resultados. O contentamento demonstrado pelos/as alunos/as foi extremamente gratificante e serviu como um grande incentivo para continuar expandindo os métodos da oficina, buscando inovar, criar e aprender cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE TOCANTINÓPOLIS - TO. **Projeto Político-Pedagógico da Escola Especial Um Passo Diferente**. Tocantinópolis – TO: 2023.

BATISTA, Leticia Alves; CARDOSO, Maykon Dhones de Oliveira. **Educação Inclusiva: desafios e percepções na contemporaneidade**. Revista Educação Pública, v. 20, n. 44, p. 17, 2020.

CARVALHO, Jailson Araujo. **Teatro de Bonecos e Acessibilidade nas aulas de Arte**. Revista Científica/FAP, v. 27, n. 2, p. 209-226, 2022.

JUNIOR, A. B. da Costa. **Potencialidades do teatro de boneco na educação**: Universidade de São Paulo Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”. 2020.

MAIA, Shirley Rodrigues. **Deficiência auditiva/surdez**. 2012. Disponível em: <[http://sis.posuscs.com.br/sistema/rota/rotas\\_84/1314/scorm/ultimo/pdf/pdf\\_DAS](http://sis.posuscs.com.br/sistema/rota/rotas_84/1314/scorm/ultimo/pdf/pdf_DAS)>  
MORETTI, Maria de Fátima de Souza et al. **A teatralidade do objeto na cena contemporânea**. 2011.

SANTOS, José Ivanildo F. dos. **Educação Especial: Inclusão escolar da criança autista**. São Paulo, All Print, 2011.

SILVA, J. N. da. **Teatro de Bonecos: Construção de bonecos articulados para cena – Processo Criativo e Educativo / Curso de Teatro Licenciatura**. Quantidade de páginas do TCC: 59, 2020.

SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família**. Interação em psicologia, v. 6, n. 2, 2002.  
SILVA, Yara Cristina Romano. **Deficiência múltipla: conceito e caracterização**. Anais Eletrônico VIII EPCC–Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar. CESUMAR–Centro Universitário de Maringá. Editora CESUMAR Maringá–Paraná, 2011.